

MOCIDADE E MORTE

Solevantado o corpo, os olhos fitos,
As magras mãos cruzadas sobre o peito,
Vede-o, tão moço, velador de angústias,
Pela alta noite em solitário leito.

Por essas faces pálidas, cavadas,
Olhai, em fio as lágrimas deslizam;
E com o pulso, que apressado bate,
Do coração os estos harmonizam.

È que nas veias lhe circula a febre:
É que a fronte lhe alaga o suor frio;
É que lá dentro à dor, que o vai roendo,
Responde horrível íntimo cicio.

Encostando na mão o rosto aceso,
Fitou os olhos húmidos de pranto
Na lâmpada mortal ali pendente,
E lá consigo modulou um canto.

É um hino de amor e de esperança?
É oração de angústia e de saudade?
Resignado na dor, saúda a morte,
Ou vibra aos céus blasfémia d'impiedade?

É isso tudo, tumultuando incerto
No delírio febril daquela mente,
Que, balouçada à borda do sepulcro,
Volve após si a vista longamente.

É a poesia a murmurar-lhe na alma
Última nota de quebrada lira;
É o gemido do tombar do cedro;
É triste adeus do trovador que expira.

DESESPERANÇA

Meia-noite bateu, volvendo ao nada
Um dia mais, e caminhando eu sigo!
Vejo-te bem, ó campá misteriosa...
Eu vou, eu vou! Breve serei contigo!

Qual tufão, que ao passar agita o pego,
Meu plácido existir turvou a sorte:
Hálito impuro de pulmões ralados

Me diz que neles se assentou a morte:

Enquanto mil e mil no largo mundo
Dormem em paz sorrindo, eu velo e penso,
E julgo ouvir as preces por finados,
E ver a tumba e o fumegar do incenso.

Se dormito um momento, acordo em sustos;
Pulos me dá o coração no peito,
E abraço e beijo de uma vida extinta
O último sócio, o doloroso leito.

De um abismo insondado às agras bordas
Insanável doença me há guiado,
E disse-me: «No fundo o esquecimento:
Desce; mas desce com andar pausado.»

E eu lento vou descendo, e sondo as trevas:
Busco parar; parar um só instante!
Mas a cruel, travando-me da dextra,
Me faz cair mais fundo, e grita: «Avante!»

Porque escutar o trânsito das horas?
Alguma delas trar-me-á conforto?
Não! Esses golpes, que no bronze ferem,
São pura mim como dobrar por morto.

«Morto!, morto!» me clama a consciência:
Diz-mo este respirar rouco e profundo.
Ai!, porque fremes, coração de fogo,
Dentro de um seio corrompido e imundo?

Beber um ar diáfano e suave,
Que renovou da tarde o brando vento,
E convertê-lo, no aspirar contínuo,
Em bafo apodrecido e peçonhento!

Estender para o amigo a mão mirrada,
E ele negar a mão ao pobre amigo;
Querer uni-lo ao seio descarnado,
E ele fugir, temendo o seu perigo!

E ver após um dia ainda cem dias,
Nus d'esperança, férteis de amargura;
Socorrer-me ao porvir, e achá-lo um ermo,
E só, bem lá no extremo, a sepultura!

Agora!... quando a vida me sorria:

Agora!... que meu estro se acendera;
Que eu me enlaçava a um mundo d'esperanças,
Como se enlaça pelo choupo a hera,

Deixar tudo, e partir, sozinho e mudo;
Varrer-me o nome escuro esquecimento:
Não ter um eco de louvor, que afague
Do desgraçado o humilde monumento!

Ó tu, sede de um nome glorioso,
Que tão fagueiros sonhos me tecias,
Fugiste, e só me resta a pobre herança
De ver a luz do Sol mais alguns dias.

Vestem-se os campos do verdor primeiro:
Já das aves canções no bosque ecoam:
Não para mim, que só escuto atento
Funéreos dobres que no templo soam!

Eu que existo, e que penso, e falo, e vivo,
Irei tão cedo repousar na terra?!
Oh, meu Deus, oh, meu Deus!, um ano ao menos;
Um louro só... e meu sepulcro cerra!

E tão bom respirar, e a luz brilhante
Do sol oriental saudar no outeiro!
Ai, na manhã saudá-la posso ainda;
Mas será este Inverno o derradeiro!

Quando de pomos o vergel for cheio;
Quando ondear o trigo na planura;
Quando pender com áureo fruto a vide,
Eu também penderei na sepultura.

Dos que me cercam no turbado aspecto,
Na voz que prende desusado enleio,
No pranto a furto, no fingido riso
Fatal sentença de morrer eu leio.

Vistes vós criminoso, que hão lançado
Seus juízes nos trances da agonia,
Em oratório estreito, onde não entra
Suavíssima luz do claro dia;

Diante a cruz, ao lado o sacerdote,
O cadafalso, o crime, o algoz na mente,
O povo tumultuando, o extremo arranco,
E Céu, e Inferno, e as maldições da gente?

Se adormece, lá surge um pesadelo,
Com os martírios da sua alma acorde;
Desperta logo, e à terra se arremessa,
E os punhos cerra, e delirante os morde.

Sobre as lájeas do duro pavimento
De vergões e de sangue o rosto cobre.
Ergue-se e escuta com cabelos hirtos
Do sino ao longe o compassado dobre.

Sem esperança!...
Não! Do cadafalso
Sobe as escudas o perdão às vezes;
Porém a mim... não me dirão: «És salvo!»
E o meu suplício durará por meses.

Dizer posso: «Existi: que a dor conheço!»
Do gozo a taça só provei por horas:
E serei teu, calado cemitério,
Que engenho, glória, amor, tudo devoras.

Se o furacão rugiu, e o débil tronco
De árvore tenra espedaçou passando,
Quem se doeu de a ver jazendo em terra?
Tal é o meu destino miserando!

Númen de santo amor, mulher querida,
Anjo do Céu, encanto da existência.
Ora por mim a Deus, que há-de escutar-te.
Por ri me salve a mão da Providência.

Vem: aperta-me a dextra... Oh, foge, foge!
Um beijo ardente aos lábios teus voara:
E neste beijo venenoso a morte
Talvez este infeliz só te entregara!

Se eu pudesse viver... como teus dias
Cercaria de amor suave e puro!
Como te fora plácido o presente;
Quanto risonho o aspecto do futuro!

Porém, medonho espectro ante meus olhos,
Como sombra infernal perpétuo ondeia,
Bradando-me que vai partir-se o fio
Com que da minha vida se urde a teia.

Entregue à sedução enquanto eu durmo,

No turbilhão do mundo hei-de deixar-te!
Quem velará por ti, pomba inocente?
Quem do perjúrio poderá salvar-te?

Quando eu cerrar os olhos moribundos
Tu verterás por mim pranto saudoso;
Mas quem me diz que não virá o riso
Banhar teu rosto triste e lacrimoso?

Ai, o extinto só herda o esquecimento!
Um novo amor te agitará o peito:
E a dura lájea cobrirá meus ossos
Frios, despídos sobre térreo leito!...

Ó Deus, porque este cálix de agonia
Até as bordas de amargor me encheste?
Se eu devia acabar na juventude,
Porque ao mundo e a seus sonhos me prendeste?

Virgem do meu amor, porque perdê-la?
Porque entre nós a campa há-de assentar-se?
Tua suprema paz com gozo ou dores
Do mortal, que em ti crê, pode turbar-se?

Não haver quem me salve! e vir um dia
Em que de minha o nome ainda lhe desse!
Então, Senhor, o umbral da eternidade,
Talvez sem um queixume, transpusesse.

Mas, qual flor em botão pendida e murcha,
Sem de fragrâncias perfumar a brisa,
Eu poeta, eu amante, ir esconder-me
Sob uma lousa desprezada e lisa!

Porquê? Qual foi meu crime, ó Deus terrível?
Em te adorar que fui, senão insano?...
O teu fatal poder hoje maldigo!
O que te chama pai, mente: és tirano.

E se aos pés de teu trono os ais não chegam;
Se os gemidos da terra os ares somem;
Se a Providência é crença vã, mentida,
Porque geraste a inteligência do homem?

Porque da virgem no sorrir puseste
Santo presságio de suprema dita,
E apontaste ao poeta a imensidade
Na ânsia de glória que em sua alma habita?

A imensidade!... E que me importa herdá-la,
Se na Terra passei sem ser sentido?
Que vale eterno vaguear no espaço,
Se nosso nome se afundou no olvido?

O ANJO-DA-GUARDA

Ímpio, silêncio! A tua voz blasfema
Da noite a paz perturba.
Verme, que te rebelas
Sob a mão do Senhor,
Vês os milhões d'estrelas
De nítido fulgor,
Que, em ordenada turba,
A Deus entoam incessantes hinos?
Quantas vezes apaga
Do livro da existência
Um orbe a mão do Eterno!
E o belo astro que expira
Maldiz a Providência,
Maldiz a mão que o esmaga?
Acaso pára o cântico superno?
Ou apenas suspira
O moribundo,
Que se chamava um mundo?
Quem vai pôr uma campá sobre os restos
Desse inerte planeta,
Que o destrutor cometa
Incinerou na rápida passagem?
E tu, átomo obscuro,
Que varre à tarde a aragem,
Soltas do seio impuro
Maldição insensata,
Porque o teu Deus te evoca à eternidade?
Que é o viver? O umbral, a que um momento
O espírito, surgindo
Das solidões do nada
À voz do Criador, se encosta, e atento
Contempla a luz e o céu; donde desata
Seu voo à imensidade.
Geme acaso o passarinho
De saudade,
Quando as asas expande, e deixa o ninho
A vez primeira, a mergulhar nos ares?
Volve olhos lacrimosos
Aos mares tormentosos
O navegante, quando aproa às plagas

Da pátria suspirada?
Porque morres?! Pergunta à Providência
Porque te fez nascer.
Qual era o teu direito a ver o mundo;
Teu jus à existência?
Olha no Outono o ulmeiro
Que o vendaval agita,
E cujas ténues folhas
Aos centos precipita.
São a folha do ulmeiro o nome e a fama,
E o amar dos humanos:
Ao nada do que foi assim se atiram
No vórtice dos anos.
Que é a glória na Terra? Um eco frouxo,
Que somem mil ruídos.
E a voz da Terra o que é, na voz imensa
Dos orbes reunidos?
Amor!, amor terreno!... Ai, se pudesses
Compreender a amargura,
Com que te choro, ó alma transviada!
Eu, que te amei do berço, e qual doçura
Há no afecto que liga o anjo ao homem,
Rindo despiras esse corpo enfermo,
Paru te unir a mim, para aspirares
O gozo celestial de amor sem termo!
Alma triste, que mesquinha
Te debruças sobre o Inferno,
Ouve o anjo, pobrezinha;
Vem ao gozo sempiterno.
Resigna-te e espera, e os dias de prova
Serão para o crente quais breves instantes.
Tomar-te-ei nos braços no trance da morte,
Fendendo o infinito coas asas radiantes.
Depois, das alturas teu térreo vestido
Sorrindo veremos na Terra guardar
E ao hino de Hossana nos coros celestes
A voz de um remido iremos juntar.

A GRAÇA

Que harmonia suave
É esta, que na mente
Eu sinto murmurar,
Ora profunda e grave,
Ora meiga e cadente,
Ora que faz chorar?
Porque da morte a sombra,
Que para mim em tudo

Negra se reproduz,
Se aclara, e desassombra
Seu gesto carrancudo,
Banhada em branda luz?
Porque no coração
Não sinto pesar tanto
O férreo pé da dor,
E o hino da oração,
Em vez de irado canto,
Me pede íntimo ardor?

És tu, meu anjo, cuja voz divina
Vem consolar a solidão do enfermo,
E a contemplar com placidez o ensina
De curta vida o derradeiro termo?

Oh, sim!, és tu, que na infantil idade,.
Da aurora à frouxa luz,
Me dizias: «Acorda, inocentinho,
Faz o sinal da Cruz.»
És tu, que eu via em sonhos, nesses anos
De inda puro sonhar,
Em nuvem d'ouro e púrpura descendo
Coas roupas a alvejar.
És tu, és tu!, que ao pôr do Sol, na veiga,
Junto ao bosque fremente,
Me contavas mistérios, harmonias
Dos Céus, do mar dormente.
És tu, és tu!, que, lá, nesta alma absorta
Modulavas o canto,
Que de noite, ao luar, sozinho erguia
Ao Deus três vezes santo.
És tu, que eu esqueci na idade ardente
Das paixões juvenis,
E que voltas a mim, sincero amigo,
Quando sou infeliz.
Sinta a tua voz de novo,
Que me revoca a Deus:
Inspira-me a esperança,
Que te seguiu dos Céus!...

RESIGNAÇÃO

No teu seio, reclinado
Dormirei, Senhor, um dia,
Quando for na terra fria
Meu repouso procurar;

Quando a lousa do sepulcro
Sobre mim tiver caído,
E este espírito afligido
Vir a tua luz brilhar!

No teu seio, de pesares
O existir não se entretece;
Lá eterno o amor floresce;
Lá floresce eterna paz:

Lá bramir junto ao poeta
Não irão paixões e dores,
Vãos desejos, vãos temores
Do desterro em que ele jaz.

Hora extrema, eu te saúdo!
Salve, ó trevas da jazida,
Donde espera erguer-se à vida
Meu espírito imortal!

Anjo bom, não me abandones
Neste trance dilatado;
Que contrito, resignado,
Me acharás na hora fatal.

E depois... perdoa, ó anjo,
Ao amor do moribundo,
Que só deixa neste mundo
Pouco pó, muito gemer.

Oh... depois... diz à mesquinha
Um segredo de doçura:
Que na pátria o amor se apura,
Que o desterro viu nascer.

Que é o Céu a pátria nossa;
Que é o mundo exílio breve;
Que o morrer é cousa leve;
Que é *princípio*, não é *fim*:

Que duas almas que se amaram
Vão lá ter nova existência,
Confundidas numa essência,
A de um novo querubim.